



GUERREIRAS EMPODERADAS CULTIVANDO E APRENDENDO

Terra e resiliência

NATÁLIA PEREIRA ROSA | NAIR APARECIDA PEREIRA TORRES
NEUSA VIEIRA PEREIRA MORI | NAZARÉ VIEIRA PEREIRA
MAÍRA RODRIGUES DA SILVA | ANA CAROLINA OLIVEIRA MARCUCCI
ANA CAROLINE DIAS SILVA | CARLA LADEIRA PIMENTEL ÁGUAS
CINTIA DE PAULA SANTOS NASCIMENTO | LUCAS CÉSAR RODRIGUES
DA SILVA MANUELA ANTONIA GOMES DA ROCHA | MANUELA DE
CARVALHO RODRIGUES | MARINA FONTOLAN
Ilustrações: SOLAR QUILOMBOLA



ENDURE

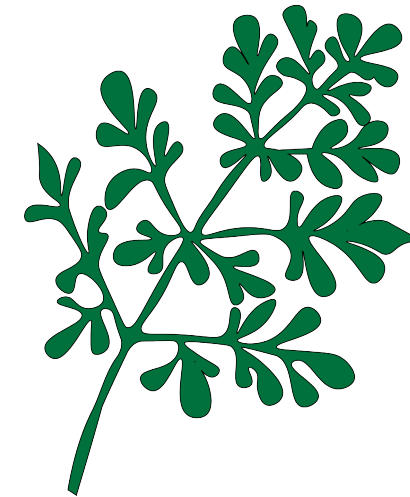


UNICAMP



GUERREIRAS EMPODERADAS CULTIVANDO E APRENDENDO

Terra e resiliência



NATÁLIA PEREIRA ROSA
NAIR APARECIDA PEREIRA TORRES
NEUSA VIEIRA PEREIRA MORI
NAZARÉ VIEIRA PEREIRA
MAÍRA RODRIGUES DA SILVA
ANA CAROLINA OLIVEIRA MARCUCCI
ANA CAROLINE DIAS SILVA
CARLA LADEIRA PIMENTEL ÁGUAS
CINTIA DE PAULA SANTOS NASCIMENTO
LUCAS CÉSAR RODRIGUES DA SILVA
MANUELA ANTONIA GOMES DA ROCHA
MANUELA DE CARVALHO RODRIGUES
MARINA FONTOLAN

ILUSTRAÇÕES: SOLAR QUILOMBOLA

Guerreiras empoderadas cultivando e aprendendo – Terra e resiliência

Subequipe Resiliência Comunitária no Vale do Ribeira/Cluster 2

Ana Carolina Oliveira Marcucci, Ana Caroline Dias Silva, Carla Ladeira Pimentel Águas, Cintia de Paula Santos Nascimento, Erica da Cruz Novaes Gonçalves Dias, Iraima Andreina Lugo Montilla, Joabi dos Santos Silva, Lucas César Rodrigues da Silva, Manuela Antonia Gomes da Rocha, Manuela de Carvalho Rodrigues, Maíra Rodrigues da Silva, Marina Fontolan, Matheus Sousa Barros

Ilustrações: Solar Quilombola

Planejamento e edição: Carla Águas

Projeto e desenho gráfico: Gilson Camargo | Carta Editora

Impressão: Gráfica Odisséia – Porto Alegre RS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Guerreiras empoderadas cultivando e aprendendo :
Terra e resiliência / ilustração Solar Quilombola. --
Campinas, SP : Carta Editora & Comunicação, 2025.

Vários autores.
ISBN 978-65-88164-14-3

1. Comunidades quilombolas 2. Economia social
3. Educação 4. Geociências 5. Mulheres – Condições
sociais 6. Mulheres – Trabalho 7. Resiliência (Traço
da personalidade) I. Quilombola, Solar.

25-285356

CDD-307.08996081

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Quilombos : Comunidades negras :
Sociologia 307.08996081

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária - CRB 8/8415



Carta Editora & Comunicação Ltda.

(51) 99125.2565 | 99229.8299

Rua Tapes, 686 | CEP 93.042-210 São Leopoldo RS

cartaeditora@gmail.com | www.cartaeditora.com.br

**ENDURE Inequalities, Community Resilience and New Governance Modalities
in a Post-Pandemic World**

**SUPORTE: Desigualdades, Resiliência e novas modalidades de governança
em um mundo pós pandemia**

Nº do processo FAPESP: 2021/07839-2 – Duração: 36 meses

Coordenação Brasil: Leda Maria Caira Gitahy

Pós-doutoranda: Aline Yuri Hasegawa

Pesquisadores Principais/Instituições

Coordenação internacional:

Mihai Varga, Freie Universität Berlin, Alemanha

Soner Barthoma, Uppsala University, Suécia

Eric C. Jones, University of Texas em El Paso, EUA

James Foley, Glasgow Caledonian University, Glasgow, Reino Unido

Leda Maria Caira Gitahy, Universidade Estadual de Campinas, Brasil

M. Emilia Elisabeth Palonen, University of Helsinki, Finlândia

Mateusz Karolak, University of Wrocław, Polônia

Philippe Bourbeau, University Laval, Québec, Canadá

Senada Šelo Šabić, Institute for Development and International Relations, Croácia

Tania Pérez-Bustos, Universidad Nacional de Colombia, Colômbia

Parceiros colaboradores

Adalberto Cardoso, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Altaci Corrêa Rubim, Universidade de Brasília, Brasil

Aron Buzogány, University of Natural Resources and Life Sciences, Áustria

Henrique Pereira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Susan Beth Rottmann, Özyegin University, Turquia

Tymofii Brik, Kyiv School of Economics, Ucrânia

Esta é uma produção derivada do projeto “Suporte: desigualdades, resiliência e novas modalidades de governança em um mundo pós-pandemia”, sediado no Brasil no Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (DPCT/IG/Unicamp). O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/07839-2. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 colaborou com bolsas de estudos.

Agradecemos também à Fapesp e à Capes pelo financiamento de bolsistas que integram a subequipe Resiliência Comunitária no Vale do Ribeira.

Este livro pode ser reproduzido total ou parcialmente, desde que citada a fonte.

GECA – Terra e resiliência

Esta publicação conta a história de mulheres guerreiras.

Mulheres quilombolas que ensinam e aprendem com o cultivo da terra, com a torra da farinha, com o preparo cuidadoso de receitas passadas de geração em geração. Guiadas pelos ensinamentos de seus mais velhos, esse grupo de mulheres mães do quilombo de Nhunguara, no Vale do Ribeira-SP, resgatou a força e o bem-estar que vêm do trabalho com a mandioca e, unidas, enfrentaram uma pandemia marcada por incertezas.

Desde então, a trajetória do GECA – Guerreiras Empoderadas Cultivando e Aprendendo, como denominaram o grupo, tem sido marcada pelo aprendizado e pela resiliência. Com o retorno à roça e a construção da casa de farinha, o GECA recuperou memórias e experiências de sua ancestralidade, ao mesmo tempo em que buscou ativamente experimentar o novo. A produção de farinha de mandioca, prática aprendida com os povos indígenas e fortalecida pelos conhecimentos trazidos pelos africanos, mostra a confluência de saberes que formam as comunidades quilombolas do Vale do Ribeira. Esses conhecimentos não só carregam soluções práticas, mas visões de mundo próprias! Mostram como a agricultura tradicional quilombola contém um profundo saber sobre a mata e seus ritmos; como o comer bem diz sobre a soberania de um território; e como o

ensinar e aprender passam pela escuta atenta.

O GECA também buscou experimentar novas tecnologias para feitura da farinha. Foi preciso entender bem o funcionamento da “engenhoca”, ajustar temperaturas, testar proporções e unir experiências até chegar ao ponto certo da farinha. Cada erro, um aprendizado. Assim, ao retomarem essa prática, as mulheres do GECA vêm nos mostrando como o passado continua vivo no presente. E os conhecimentos contidos nestas páginas celebram justamente esse legado: a transmissão dos modos de vida tradicionais quilombolas para as novas gerações.

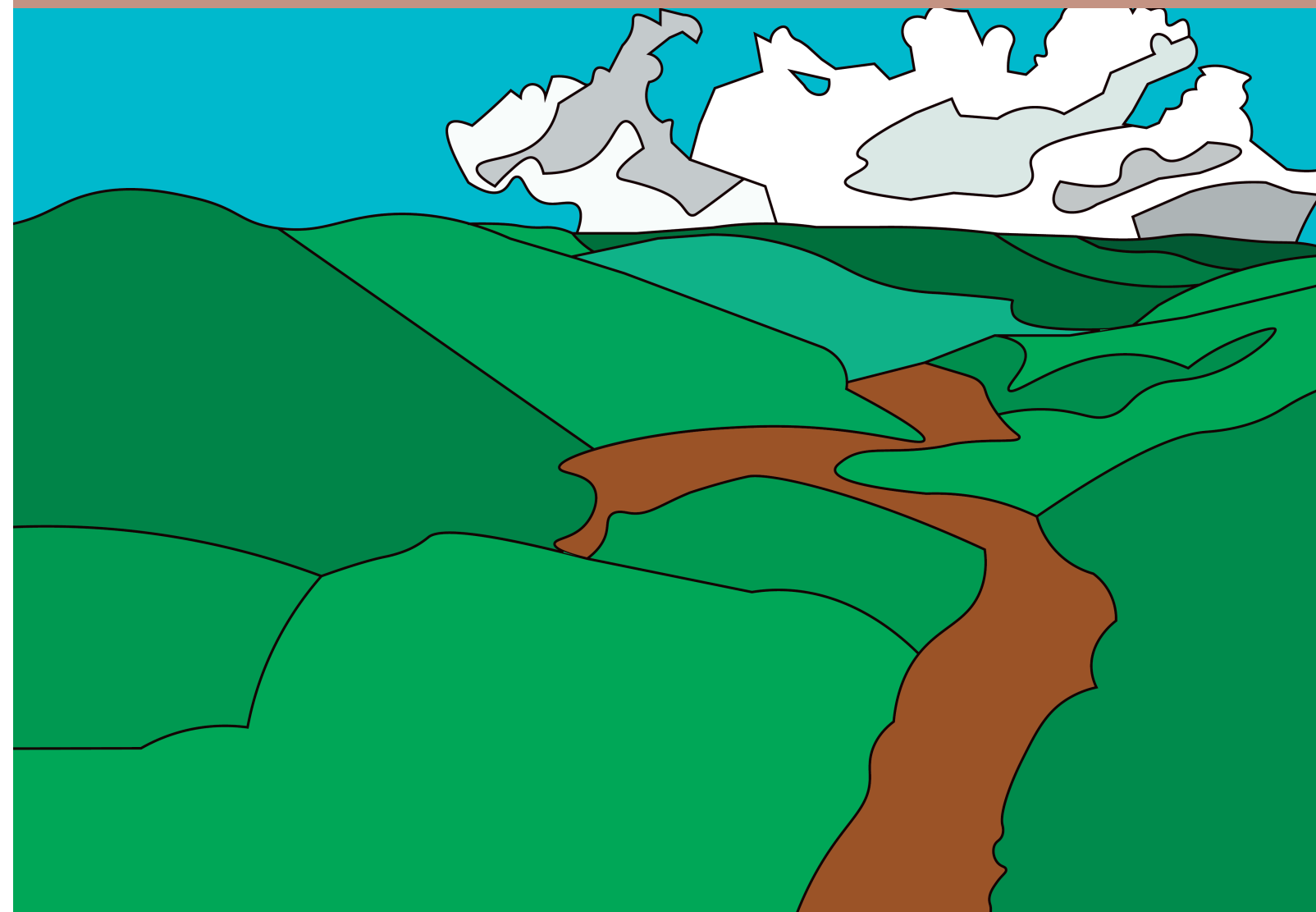
Destacamos também que nas estruturas deste projeto está a construção de pontes entre os saberes tradicionais e a universidade – que foi até a roça de mandioca para aprender com as mestras.

Esta publicação é, portanto, fruto de um movimento coletivo conduzido por mulheres quilombolas guerreiras e empoderadas, que não produzem apenas farinha: produzem conhecimento, memória e afeto. Elas mostram como a ancestralidade pode ser a potência da experimentação e da criatividade.

Somos mulheres que ensinam e aprendem com a mandioca. Convidamos vocês a se juntarem ao GECA nesse aprendizado!

Ana Marcucci

O Vale e suas riquezas



O Vale do Ribeira

O Vale do Ribeira é uma região que fica entre os estados de São Paulo e Paraná. É um lugar cheio de vida, com uma natureza incrível, rios limpos, montanhas, muita floresta e uma variedade enorme de bichos e plantas que só existem ali. Essa região abriga grande parte da Mata Atlântica, um dos biomas mais ricos do Brasil, com muita luta dos quilombos, povos indígenas e caiçaras, e tem a última grande bacia hidrográfica do estado de São Paulo.

A Salvaguarda desenvolvida por esses povos coloca o Vale do Ribeira como região que abriga cerca de 21% do que restou de toda Mata Atlântica no Brasil. E para essa grande conquista, é impossível não destacarmos a luta histórica coletiva e organizada pela terra feita pelos quilombolas na região.

Os quilombos do Vale do Ribeira, especialmente nas cidades de Iporanga e Eldorado, surgiram no século XVI, quando negros fugidos da escravidão começaram a viver em comunidade. São mais de 400 anos de história de resistência. Até hoje, essas comunidades lutam para que o governo reconheça oficialmente as terras onde vivem, como garante o artigo 68 da Constituição de 1988.

Os quilombolas são os verdadeiros guardiões dessa floresta. Eles cuidam da terra sem destruir, plantam respeitando o tempo da natureza, usam técnicas antigas como as “capovas” (onde a plantação acontece em ciclos para não esgotar o solo) e defendem o território contra grandes projetos que ameacem o meio ambiente, como as usinas hidrelétricas.

O Vale do Ribeira é, portanto, muito mais do que um lugar bonito. É um símbolo da luta pela preservação da natureza e pelos direitos dos povos tradicionais. E os quilombolas, com sua cultura, história e sabedoria, são parte essencial dessa história.

QUILOMBOLAS E RESILIÊNCIA

O VALE DO RIBEIRA É LINDO! SEMPRE FICO MUITO FELIZ QUANDO VENHO AQUI



QUILOMBOS SÃO MUITO MAIS DO QUE LUGARES: SÃO SÍMBOLOS DE NOSSA RESISTÊNCIA E LIBERDADE. FORAM CRIADOS POR NOSSOS ANTEPASSADOS COMO ESTRATÉGIAS DE LUTA E SOBREVIVÊNCIA CONTRA O SISTEMA ESCRAVISTA. AQUI NO VALE DO RIBEIRA, OS QUILOMBOS SÃO ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA ANCESTRAL, ONDE TRADIÇÕES, SABERES, PRÁTICAS COLETIVAS E LAÇOS COMUNITÁRIOS SÃO CULTIVADOS E TRANSMITIDOS DE GERAÇÃO A GERAÇÃO. A TERRA, PARA NÓS, NÃO É APENAS UM PEDAÇO DE CHÃO: ELA É UM BEM COLETIVO, QUE CARREGA NOSSA IDENTIDADE, NOSSAS VIVÊNCIAS, AS HISTÓRIAS DE LUTA E A RESILIÊNCIA QUE FORTALECEM NOSSOS POVOS ATÉ HOJE.



QUE LEGAL! POR FAVOR, CONTEM UM POUCO MAIS PARA NÓS SOBRE A RESILIÊNCIA DO POVO QUILOMBOLA



OS
QUILOMBOS
SÃO
RESILIENTES!

E NOSSA LUTA É DIÁRIA!
NOSSAS COMUNIDADES SEGUEM RESISTINDO
PELO DIREITO À TERRA, À EDUCAÇÃO, À SAÚDE E AO
RECONHECIMENTO DE NOSSA CULTURA. ESSA RESISTÊNCIA
PODE SER VISTA NO NOSSO MODO DE VIDA, QUE ENVOLVE
O CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE, NO MANEJO AGRÍCOLA,
NAS FESTAS QUE CELEBRAM NOSSA RELIGIOSIDADE E UNIÃO
E NA TRANSMISSÃO DOS SABERES ANCESTRAIS. NOSSO
TERRITÓRIO É MAIS QUE UM ESPAÇO FÍSICO; É A BASE DE
NOSSA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA, ALIMENTADA PELAS
PRÁTICAS COLETIVAS E PELA MEMÓRIA DE NOSSOS
ANTEPASSADOS. AQUI, BUSCAMOS CONSTRUIR
UM FUTURO DIGNO, HONRANDO
NOSSAS RAÍZES E FORTALECENDO
NOSSA IDENTIDADE.



O SISTEMA AGRÍCOLA TRADICIONAL

OS PRATOS TÍPICOS DAQUI
SÃO DELICIOSOS, COM ALIMENTOS
SEMPRE NUTRITIVOS. NÓS SOUBEMOS QUE
NOS QUILOMBOS DO VALE DO RIBEIRA
AS COMUNIDADES PRATICAM O SISTEMA
AGRÍCOLA TRADICIONAL. MAS COMO
FUNCIONA ESSE SISTEMA?



O NOSSO
SISTEMA AGRÍCOLA
TRADICIONAL QUILOMBOLA
É TODO CONJUNTO DE
CONHECIMENTOS, CULTURA,
TÉCNICAS, FESTAS E
RELIGIOSIDADE EM TORNO DA
NOSSA PRÁTICA AGRÍCOLA: A
ROÇA DE COIVARA. NA ROÇA,
HUMANOS, ANIMAIS, RIOS E
PLANTAS FAZEM PARTE
DESSE SISTEMA E SE
RELACIONAM
DE FORMA
CONTÍNUA



QUE INTERESSANTE!
É UMA RELAÇÃO MUITO
PROFUNDA ENTRE A
AGRICULTURA E OS
CICLOS DA NATUREZA,
NÃO É?

SIM,
E O FOGO TAMBÉM
FAZ PARTE! USADO DO JEITO CERTO,
SUAS CINZAS DÃO FORÇA PARA O NOSSO
CULTIVO CRESCER E É UMA TÉCNICA
MUITO IMPORTANTE NA COIVARA. ESSES
CONHECIMENTOS VÊM SENDO PASSADOS DE
GERAÇÃO EM GERAÇÃO PELOS NOSSOS MAIS
VELHOS. E, JUNTO DA TRADIÇÃO, A GENTE ESTÁ
SEMPRE EXPERIMENTANDO E DESCOBRINDO
COISAS NOVAS, PORQUE A NATUREZA
NUNCA PARA DE MUDAR,
SEGUE EM MOVIMENTO

Hoje, o Sistema Agrícola Tradicional Quilombola (SATq) do Vale do Ribeira é reconhecido como Patrimônio Imaterial brasileiro pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Esse reconhecimento ajuda a valorizar e proteger a cultura e a roça das comunidades, que ainda enfrentam pressões em seus territórios e desafios legais sobre suas práticas.

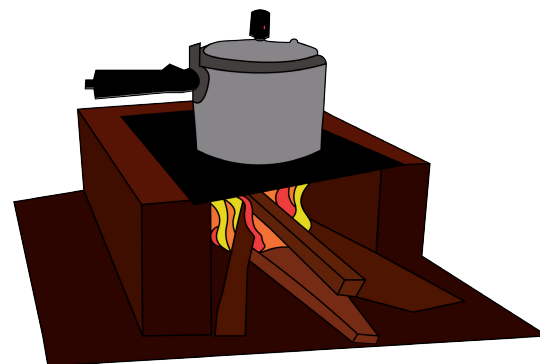
É UMA FORMA
DE PRODUIR QUE NÃO
DESTRÓI A NATUREZA,
MAS É FEITA A PARTIR DA
PRÓPRIA NATUREZA!

ISSO MESMO! AMIGOS,
NÃO ESQUEÇAM DE FALAR DO
CALENDÁRIO AGRÍCOLA E DA LUA, ELES
TAMBÉM SÃO MUITO IMPORTANTES
PARA O CULTIVO.
EM NOSSO TRABALHO COM A TERRA,
A GENTE ROÇA, FAZ ACEIRO, USA O FOGO,
CARPE, PLANTA, LIMPA, COLHE E DEIXA O
SOLO DESCANSAR, TUDO NO TEMPO CERTO,
RESPEITANDO O CICLO DAS CHUVAS E AS
FASES DA LUA. NÓS FIZEMOS O TESTE LÁ
EM CASA! PLANTAMOS E FOMOS
ARRANCAR A MANDIOCA
FORA DA MINGUANTE,
AMARGOSO QUE TAVA!



Segurança e soberania alimentar

Nossa comida conta histórias. Ela fala sobre quem somos, onde vivemos, em qual solo pisamos. Pelos alimentos que cultivamos e comemos, reconhecemos nossas raízes, nossos costumes e a cultura que nos alimenta há gerações. Mas nem sempre conseguimos comer como gostaríamos ou como nossos ancestrais nos ensinaram. Muitas vezes, o acesso a alimentos saudáveis e em quantidade suficiente é um desafio.



A soberania e a segurança alimentar são direitos fundamentais. De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, cabe ao Estado garantir a toda população o direito humano à alimentação adequada e saudável. Isso significa não apenas ter comida suficiente, mas poder escolher o que comer, produzir os próprios alimentos e manter práticas alimentares que respeitem a cultura e o território de cada comunidade. Mais do que saciar a fome, a segurança alimentar garante comida de qualidade no prato, sem comprometer outras necessidades essenciais para uma vida digna, protegendo a saúde e a autonomia dos povos.

Foi com esse olhar que nasceu a experiência do GECA. Durante a pandemia de Covid-19, um período de incertezas e medo sobre o futuro, as mulheres do Nhunguara se uniram para plantar e produzir sua própria comida. Escolheram a mandioca, alimento que carrega a força de suas ancestrais e é parte essencial da cultura quilombola. Colocar em prática o

projeto da fábrica de farinha mostrou que essa experiência ia além do plantio e do processamento de alimentos para garantir o sustento: foi um caminho de reconexão com suas raízes, com a identidade quilombola, de preservação da história e criação de novos futuros. A seguir, vamos contar os detalhes dessa história!

Afinal, soberania alimentar começa no direito de plantar, colher e se alimentar de forma autônoma, mas vai além. É sobre terra, cultura e resistência. É sobre garantir que as próximas gerações continuem se alimentando daquilo que suas raízes ensinaram a cultivar e daquilo que escolheram preservar.

Os saberes ligados ao cultivo da mandioca estão conectados com o saber-fazer da gastronomia dos quilombos do Vale do Ribeira. A cultura se manifesta no fogão e na mesa, através de variadas receitas transmitidas de geração em geração. A partir da mesma matéria-prima, diferentes iguarias são preparadas: a coruja, o biju de goma, biju de folha, mão de onça...

PARTE 2

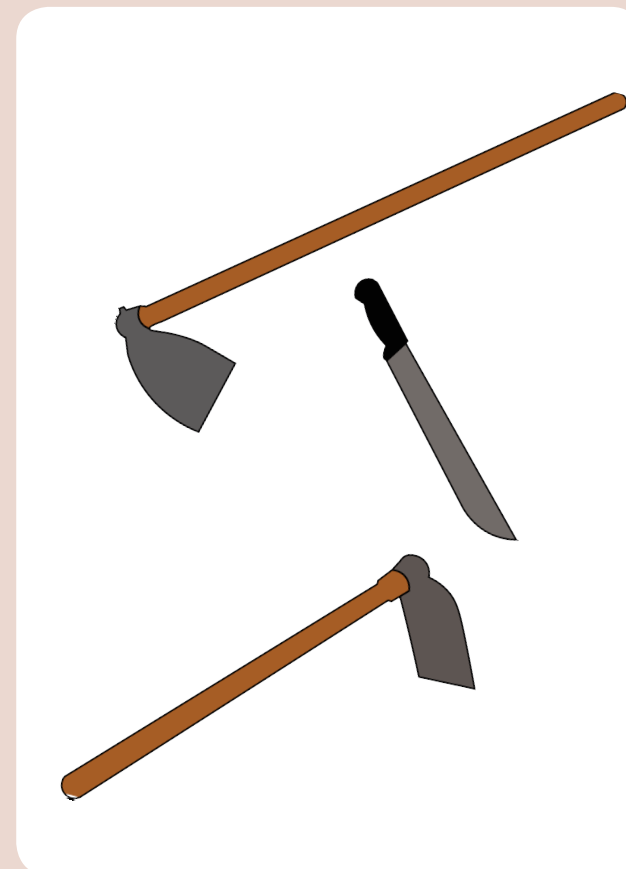
Aprendendo com o GECA

As mulheres quilombolas são consideradas símbolos da resistência durante séculos nas lutas dos quilombos no Brasil. São lembradas na história do país pelos grandes nomes como Dandara, Teresa de Benguela, Aqualtune, entre outras, em diversos territórios.

Em diferentes estados elas protagonizaram e protagonizam grandes conquistas, sendo primordiais na organização dos territórios e na articulação política. O matriarcado quilombola é caracterizado também pelo cuidado, transmissão dos saberes e tradições entre as gerações. E isso não é diferente nos quilombos do Vale do Ribeira.

Você sabia que nas histórias das comunidades quilombolas no Alto, Médio e Baixo Ribeira, as mais velhas e os mais velhos sempre trazem na história as lembranças de muitas guerreiras quilombolas que estavam na luta contra as invasões dos fazendeiros, exigindo direitos básicos às comunidades, como estradas, transporte e a promoção da saúde? Mas foi na luta contra as barragens que muitos puderam ver a importância dos encontros do grupo de mulheres quilombolas, nos anos 1990.

No quilombo de Nhunguara, as mulheres do GECA e outras mulheres da comunidade acompanharam grandes enfrentamentos contra a construção da barragem Tijuco Alto, vencida depois de 30 anos. Desempenharam grande papel, inclusive, nas primeiras reuni-



ões para regulação fundiária dos quilombos do Vale. Foram tantos feitos que essas mulheres são consideradas grandes matriarcas e guerreiras, responsáveis, inclusive, como as mulheres do GECA, por transmitir saberes que vão desde o plantio da mandioca até toda a produção do tráfico de farinha.

Você conhece a importância das mulheres quilombolas?

Era um tempo de crise: o mundo estava preocupado com a pandemia de Covid-19. Muitas vidas perdidas! Para se proteger, as pessoas (que podiam) não saíam de casa. Muitos(as) perderam os seus empregos; outros(as) precisaram ir para a rua e trabalhar assim mesmo, apesar dos riscos. Nos quilombos do Vale do Ribeira, onde todos estavam tão habituados

a visitarem uns aos outros, a notícia do isolamento social chegou tarde, mas logo as comunidades se mobilizaram para ficarem protegidas. Em Nhunguara, um grupo de mulheres enxergou longe e percebeu que precisava criar alternativas para manter o rendimento e a comida na mesa – afinal, a crise que se anunciava era grande! Foi então que tiveram uma ideia...

EU TIVE UMA IDEIA...
A NOSSA SEGURANÇA ESTÁ NO CHÃO,
NA FORÇA DAS NOSSAS MÃOS, NA COMIDA
QUE PLANTAMOS! VAMOS PLANTAR NOSSAS ROÇAS?
PODEMOS PLANTAR ABÓBORA, MANDIOCA...
O TERRITÓRIO É A NOSSA GARANTIA! E SABE O QUE MAIS?
PODEMOS NOS JUNTAR E PROCURAR FINANCIAMENTO PARA MONTAR
UMA CASA DE FARINHA. ESSA NOVA ESTRUTURA PODE NOS AJUDAR
A TER RENDIMENTO E CONSTRUIR UM NOVO FUTURO PARA NÓS,
PARA NOSSOS FILHOS, NOSSOS NETOS. PODEMOS FAZER FARINHA!
EU ME LEMBRO BEM DA NOSSA MÃE, QUE FAZIA, USANDO A RODA
TRADICIONAL. PODEMOS APRENDER A USAR A TECNOLOGIA
DE HOJE EM DIA E JUNTAR ESSE CONHECIMENTO
COM TUDO O QUE JÁ SABEMOS.
TEMOS OS SABERES ANCESTRAIS
PARA NOS GUIAR!

ESSA
PANDEMIA
VAI TRAZER MUITA
CRISE! VAI TRAZER
MAIS DIFICULDADES DO
QUE AS QUE NÓS JÁ
ENFRENTAMOS. COMO
ENFRENTAR? COMO
GARANTIR A COMIDA NA
MESA E A SEGURANÇA
DAS NOSSAS FAMÍLIAS?
COMO ATRAVESSAR
ESSES TEMPOS
DE DESAFIOS?

E foi assim que nasceu o grupo Guerreiras Empoderadas Cultivando e Aprendendo, o GECA: com energia e força de vontade naquele momento de crise, as mulheres se mobilizaram, enfrentaram todos os obstáculos e montaram a casa de farinha!



OS SABERES DO GECA



A GENTE FAZ ROÇA
DO JEITO DOS ANTIGOS, NA LUA CERTA
DE PLANTAR. NOSSAS MESTRAS MAIS VELHAS
NOS ENSINARAM SOBRE A PLANTAÇÃO E HOJE
TAMBÉM QUEREMOS ENSINAR OS MAIS NOVOS:
VAMOS PLANTAR SÓ NA LUA MINGUANTE!
VAMOS PLANTAR SÓ NO MÊS QUE SABEMOS
QUE É MÊS DE PLANTAR!

PARA ESCOLHER
ONDE PLANTAR CADA CULTIVO, OS MAIS
VELHOS FALAVAM PARA OLHAR O TIPO
DE VEGETAÇÃO E A COR DA TERRA.
VOCÊ SABIA QUE A ÁRVORE MAMICA DE
RAPOSA MOSTRA UM BOM LUGAR PARA
MILHO? A GENTE TAMBÉM SE ORIENTA
PELAS EXPERIÊNCIAS DO PASSADO: SE
ANTIGAMENTE SE PLANTAVA MANDIOCA
NAQUELE LOCAL, HOJE VOLTAMOS A
PLANTAR ALI NOVAMENTE. A MEMÓRIA
DAS PLANTAÇÕES DE MAMÃE TEM NOS
AJUDADO MUITO NESSA ESCOLHA!



MAS NÃO É SÓ A GENTE QUE PLANTA AQUI NA ROÇA, NÃO.
MUITOS BICHOS PASSAM POR AQUI E, DE VEZ EM QUANDO, UM
DELES ACABA DEIXANDO UMA SEMENTINHA NA TERRA. OUTRO
DIA MESMO NASCEU UM PÉ DE MARACUJÁ NO MEIO DAS NOSSAS
RAMAS DE MANDIOCA, E QUANDO UMA AMIGA QUE ESTAVA ME
VISITANDO PERGUNTOU QUEM TINHA PLANTADO, EU RESPONDI:
"AH, DEVE TER SIDO ALGUM PASSARINHO... OU OUTRO BICHO
QUE ESPALHOU A SEMENTE POR AÍ, NÓS SÓ FIXAMOS O CAULE
EM UM PAU DE BAMBU PARA ELE CRESCER MELHOR".



Diálogo entre saberes

Há muitas formas de construção do conhecimento. Uma dessas formas é aquela feita pela ciência, dentro das universidades, dos laboratórios e dos centros de pesquisa. Mas, claro, não é a única. Afinal, onde há cultura, onde há sociedade, há saberes.

Quando os povos africanos foram escravizados e trazidos para o Brasil – o que foi um capítulo tão triste da nossa história – eles também trouxeram os seus conhecimentos, que foram muito usados pelos colonizadores para explorarem as riquezas por aqui. E esses saberes foram sendo mesclados com todo o conhecimento acumulado por muitas gerações de povos indígenas que já habitavam este continente muito antes dos europeus.

Portanto, cada povo, cada cultura, constrói os seus conhecimentos e as suas próprias metodologias. Não há um só tipo de conheci-

mento perfeito, que esteja acima dos outros. Por isso é muito importante o diálogo entre saberes: porque a partir dele, podem surgir novas respostas para as questões e desafios que enfrentamos.

Podemos pensar, por exemplo, nos saberes sobre o meio ambiente: às vezes se fala tanto em sustentabilidade, mas a lógica do lucro faz com que as pessoas e as grandes empresas não parem de nos afundar rumo a um caminho sem volta. Já os povos indígenas e os povos tradicionais detêm saberes que permitem a utilização sábia da natureza sem comprometer a sobrevivência das pessoas que vivem hoje, bem como as novas gerações que ainda vão nascer. Este é apenas um exemplo dos muitos conhecimentos dos povos, que precisam ser cada vez mais escutados. Viva os saberes ancestrais!

A inspiração ancestral do GECA

Natália lembra-se muito bem de sua mãe fazendo farinha de mandioca, usando para isso a roda de madeira, uma tecnologia ancestral. Essa imagem está na lembrança do seu filho e das suas filhas, assim como das netas e netos. A circulação de mudas e ramas de mandioca era intensa na região e representava um importante suporte para a soberania alimentar dos quilombos do Vale do Ribeira.

Quando, durante a pandemia, a possibilidade de produzir farinha renasceu nos co-

rações das mulheres do GECA, essa memória foi fundamental, mas havia uma dificuldade: “Quem sabe assentar uma roda?”. Elas perceberam que precisavam tanto dos conhecimentos técnicos para a montagem e uso dos equipamentos da casa de farinha, quanto dos saberes tradicionais sobre como produzir a mandioca e transformá-la. Foi do encontro entre a memória ancestral e os conhecimentos técnicos de fora da comunidade que o grupo ganhou corpo e asas.

Adaptação e talento

Para produzir farinha, as mulheres do GECA precisaram se adaptar. No passado, Natália havia feito farinha de acordo com o método tradicional, em que a torra é feita em uma superfície horizontal, levada ao fogo e misturada à mão. Porém, o forno instalado na casa de farinha é um tubo giratório e, portanto, a matéria-prima roda e é atirada do alto a baixo pela força da gravidade.

Natália fez a primeira experiência e não gostou do resultado, pois a farinha não ficou boa. Ela estava “pasmando”, ou seja, não ficava no ponto. Refletindo, ela então entendeu: “Nesse forno, como a farinha cai lá do alto do forno para baixo, enquanto cai acaba esfriando”. Natália explicou que esse modelo de forno exigia mais calor, para que a temperatura do produto não perdesse a força no processo de torrefação.

Foi no dia 22 de maio de 2023 que veio a solução, durante a bênção da casa de farinha. Era dia de Santa Rita de Cássia, de quem Nazaré é devota. Padre Joca chegou à casa e, analisando o forno, sugeriu que seria preciso construir uma parede de taipa no local onde é colocada a lenha, retendo o calor. E foi assim que Natália, Nair e o irmão João fizeram a taipa com tijolinhos e barro, rebocada com a areia fina colhida na beira do rio.

Portanto, com uma dose de ajuda, além de muitas tentativas, erros e acertos, as mulheres guerreiras do GECA foram descobrindo os caminhos para a produção de uma boa farinha.

Quanto às quantidades exatas, coube à maestria de Natália desenvolver a proporção perfeita: “No forno de mão sabemos as medi-

das, mas aqui não se sabia. Quanto de madeira, quanto de farinha?”.

Com o forno bem quente, Natália foi provando e ajustando essa relação. Ela ensina que “cada um que torra tem um gosto diferente, mas a farinha boa você mastiga e ela faz ‘troc-troc’ na boca”.

Natália acertou o ponto e, com os seus saberes e a sua sensibilidade, segue hoje como a responsável pela torra da farinha. Esse e outros exemplos mostram a capacidade de adaptação do grupo: misturando saberes ancestrais e tecnologias de fora, a produção vingou e todos gostam da produção do GECA!



As tecnologias de origem africana

A população africana contribuiu com diversas tecnologias no Brasil, elas estão presentes em diversos territórios em que a população negra está. Os quilombos têm diversas tecnologias de origem africana.

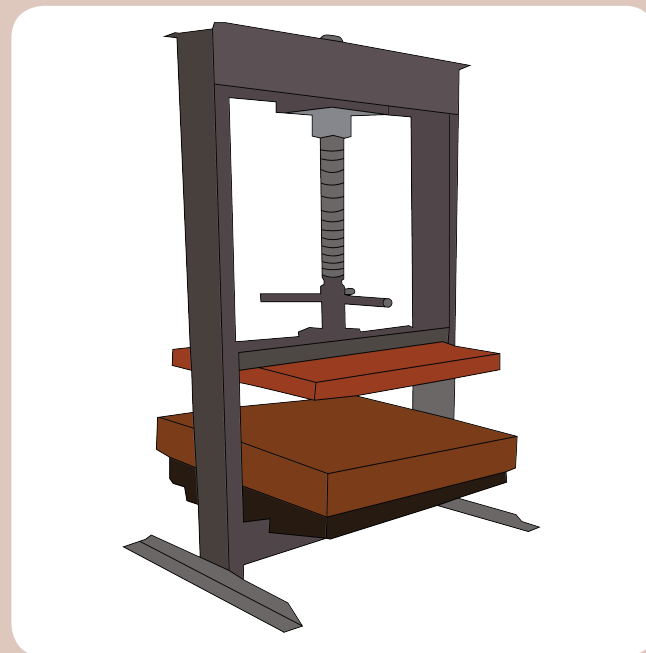
As comunidades quilombolas do Vale do Ribeira foram constituídas a partir dos saberes africanos e tecnologias de origem africana, entre elas as casas de pau-a-pique, as construções de cantaria, as canoas, a mineração, assim como diversas técnicas de plantio. Muitas plantas e alimentos no Brasil são oriundos do continente africano como o quiabo, o jiló, algumas espécies de arroz, a melancia, a espada de São Jorge, entre muitas outras. Estas plantas e alimentos estão presentes nas comunidades quilombolas.

Na constituição das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, houve a troca de saberes entre as populações africanas e indígenas e, por isso, algumas tecnologias do território são de origem indígena, como o jiqui (tecnologia de pesca).

Já mencionamos também que a coivara é o nome de uma técnica de roça a partir da queima controlada de uma pequena área da floresta, oriunda das populações indígenas.

Esta técnica está presente nas comunidades quilombolas e, no continente africano, na região do Congo esta prática também era utilizada.

A produção da farinha de mandioca é oriunda das populações indígenas, mas a mandioca foi levada pelos portugueses para o continente africano no século XVI e teve ampla disseminação por lá. Muitos africanos que fo-



ram sequestrados de suas terras através do escravismo quando chegaram ao Brasil já conheciam a mandioca e as técnicas de fazer farinha.

O tráfico (Casa de Farinha) é central na organização das comunidades quilombolas para o consumo interno e para a comercialização interna e externa da farinha de mandioca, assim como todos os processos que envolvem a produção da farinha têm, em suas raízes, a dinâmica social comunitária.

Os territórios quilombolas são organizados a partir do conhecimento de origem africana, mas também é um território de confluências tecnológicas que, através da cosmopercepção quilombola, organizam um território em que o envolvimento sociotécnico tem como característica o equilíbrio entre o meio social e o meio ecológico.

Alimentando novos futuros

No passado, o tráfico da farinha era muito comum nas famílias do quilombo de Nhunguara, mas essa prática foi se perdendo com o passar do tempo, até quase acabar. Atualmente, muitas pessoas da região não sabem de onde vem a farinha de mandioca que consomem, mesmo sendo um ingrediente essencial na alimentação local.

O GECA surgiu como um reforço dessa tradição, um reforço cultural. O roçado, o tráfico de sementes e de mudas, os saberes envolvidos no plantio e na colheita da mandioca e o modo de preparo da farinha são uma herança das gerações passadas, uma herança valiosa que não pode ser perdida. Nos planos de futuro do GECA está o desejo de que as próximas gerações aprendam a carpir. O sonho é que os jovens possam perpetuar as tradições culturais e os saberes ancestrais.

Outro desejo para o futuro é que o GECA consiga envolver mais pessoas da região. O projeto representa a força coletiva das mulheres quilombolas, o fortalecimento dos laços de afeto, a proteção do território e a preservação dos saberes tradicionais. Por isso, expandir o GECA vai muito além da produção de farinha. Trata-se, sobretudo, da conexão profunda entre as pessoas, o território e a ancestralidade.



GECA e Endure-Unicamp: confluências!

Era dia vinte e seis de julho de 2024, Dia dos Avós, quando pegamos a estrada. Com o carro entulhado de ferramentas, sendo que ainda nem dominávamos os seus nomes, nem as suas utilidades. Chegamos ao quilombo do Nhunguara já à noite. A noite era escura – de lua minguante – e nosso ponto de referência era a bica de água clara que se posta bem em frente à casa da família. Chegamos com expectativas sobre o que seria a experiência, programada em parte, e em parte obediente ao fluxo dos acontecimentos. Essa espontaneidade é, aliás, um ponto da nossa metodologia, que não segue os planos rígidos da universidade. Queremos cumprir com os nossos objetivos, mas o plano é apenas uma linha condutora muito flexível. Obedecemos, principalmente, ao tempo do quilombo.

A chegada é sempre uma alegria. Abraços, sorrisos. No dia seguinte, depois do café, lá fomos nós para aprender sobre o plantio da mandioca. Liderados pelas mestras Natália, Nais e Nazaré fomos abrindo as fileiras de covas rasas em forma circular, que se encontram ao meio, como se fosse um enorme relógio sem ponteiros. Dividimos as tarefas e fomos aprendendo enquanto agíamos – como cortar as manivas, como dispô-las em duplas por cada cova (sempre com os olhinhos para cima), como cobri-las com terra, mas deixando que a parte superior receba um pouco de luz. Também ouvimos histórias sobre a tradição do tráfico da farinha, sobre a lua certa do plantio, sobre saberes tradicionais. Aprender enquanto faz – ou fazer enquanto aprende – assim é a escola do quilombo, assim foi a nossa metodologia.



Depois de um abastado almoço, fomos para a segunda parte da nossa programação, na casa de farinha. Nossa formação prosseguiu com a explicação sobre cada equipamento e o processo produtivo, entrecortada por muitas – muitas! – histórias. Esta publicação é uma obra coletiva que reúne alguns resultados da nossa relação com o grupo GECA, a partir do projeto ENDURE, que examina as consequências de curto e longo prazos da Covid-19. Propõe uma visão holística para o estudo da crise da Covid-19, a partir das novas formas de mobilização/desmobilização das sociedades e sistemas políticos, mudanças e transformações. O tema da resiliência é uma das preocupações do projeto, que busca refletir sobre a capacidade de uma sociedade (ou comunidade) de enfrentar e se adaptar diante de uma crise ou um desafio. No caso das mulheres do GECA, quando se depararam com a sombra da pandemia, não pensaram duas vezes: vamos nos unir, arregaçar as mangas e plantar mandioca!



Esta publicação é fruto de um movimento coletivo conduzido por mulheres quilombolas guerreiras e empoderadas que não produzem apenas farinha: produzem conhecimento, memória e afeto.



ENDURE



UNICAMP

